ANO I N.º 3
Número avulso, 5$00

LOURENÇO MARQUES
1 de Maio de 1933

O Ilustrado

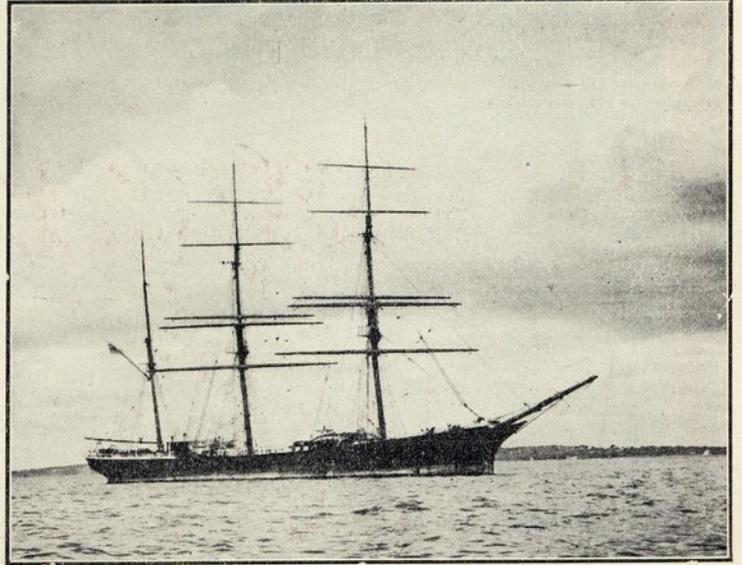
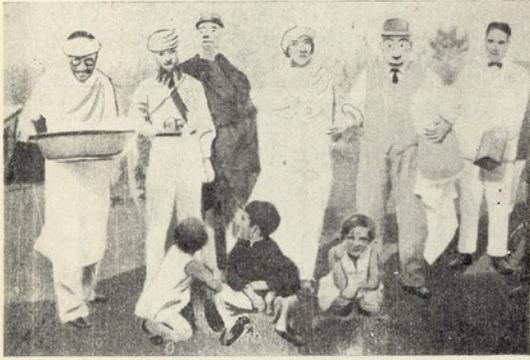
Edição gráfica do NOTICIAS

Propriedade da Emprêsa Tipográfica

Director — SOBRAL DE CAMPOS

Sede — Praça 7 de Março

MANHÃ NA PRAIA: Uma sereia da Polana e uma esperança prometedora

Actualidades locais

O Comissario Regional dos Escoteiros, capitão Ismael Jorge, passa em revista os escoteiros na parada de domingo, 23

JÁ VOS MATEI, Ó MASCARAS!

Um grupo de conhecidos medicos locais fazendo a "serração da velha,, na Namaacha

A barca "Plus", representante da navegação do passado, que está de visita ao porto de Lourenço Marques, aonde veio trazer madeira do Baltico

O casamento de Melle Maria Tereza Bruno Machado com o tenente de artilharia sr. João Montalvão dos Santos e Silva — Á saida da Igreja Paroquial

Esta crónica é triste...

Ele era um comerciante a quem o emaranhado das dívidas e dos compromissos, dos procedimentos judiciais e dos arrestos precipitou nas sombrias paragens da vergonha e dos máximos desalentos até o empurrar, como um farrapo, para o suicidio. Deixou mulher e dois filhitos. E, daí, o ser muito comentado, desfavoravelmente, o seu acto de desespero: «Que não tinha o direito de fazer o que fez (pôr termo á vida) quem tinha a seu cargo a mulher e duas crianças que assim ficaram cobertas de luto, esmagadas pela dôr, á mercê da miséria».

O espírito simplista do vulgo, nem sempre — quási nunca — com a necessária preparação intelectual e psicologica para analizar e profundar casos desta natureza, faz a sua critica implacável e despeja sôbre a memória do infeliz o cabaz dos mais duros comentários.

Talvez por isso mesmo — mais pela critica injusta e impiedosa que o seu gesto mereceu, do que propriamente por ele, com quem nunca privamos e mal conheciamos de vista — o suicida da quinzena é-nos simpático.

Egoista? Porquê? Porque colocou acima dos interesses e do futuro da família o seu orgulho e o seu sofrimento? Não. O pobre alucinado apenas demonstrou qualidades de pundonor que hoje se vão tornando cada vez mais raras e que as sensibilidades actuais, embotadas pela encarniçada luta da vida, não abrangem nem compreendem.

O suicida da quinzena é tão somente um invulgar reflexo dos rigidos principios de outros tempos, um inadaptado ao meio e á moral de hoje, que sossobrou, como um naufrago, quando viu perdidas todas as esperanças, aniquiladas todas as suas energias, esgotada a sua capacidade de sofrimento. E ele fez — não aquilo que, como se pensa e se diz, podia ter evitado, mas simplesmente o que a sua constituição organica e nervosa e o seu estado de alma determinaram e impuseram, sem que lhe fosse possível, dominado por essas circunstancias, usar de inhibições impeditivas de tão trágico, inglorio e incompreendido fim.

Que profundo drama intimo se não travou — durante dias, durante semanas, durante meses — naquela alma perturbada, hipertrofiada de misérias e torturas, até o momento ultimo em que dela se desenraizaram, por completo, as ultimas radiculas do escrupulo, da esperança e do temor!? Que formidavel luta de sentimentos e de impulsos contrários, até o momento decisivo de apartar-se do mundo e se lançar ás águas!

Perante tamanho sofrimento, verdadeiramente intraduzivel, nós tiramos respeitosamente o nosso chapeu. E é esta sincera e muda homenagem — a mais expressiva e a mais sentida — que podemos render á memória do pobre morto — o suicida da quinzena.

... ...

Esta crónica é triste...

O suicidio deste comerciante — que, se não merece as ásperas censuras com que o feriram, não pode servir de exemplo nem de incitamento para gestos semelhantes — trouxe á superficie um sintoma claro e impressionante do mal-estar existente. Por baixo das doiradas «cordas de viola» da ostentação e do luxo; desta aparente alegria de viver; desta postiça e artificial abundancia; deste rodar de automoveis, que se cruzam nas ruas com as suas buzinas ruidosas e seus farois acesos; de todas as exteriorizações espectaculosas e falsas da vida moderna — quantos dramas mudos se não passam!? Por cada raro suicidio — rarissimo, felizmente! — que se consuma e assim traz á flor a tragédia duma vida, quantas outras amarguradas existencias se ocultam sob a máscara duma mentirosa felicidade, sob o disfarce dum sorriso estudado e dum forçado aprumo?!... Se mergulhassemos em muitos lares e em muitas almas, quando se encontram longe das vistas do mundo, fora do grande palco exterior, os quadros que a nossos olhos se deparariam deviam ser horripilantes; e talvez que o «Inferno» de Dante, tal como o genio do Poeta o traçou, ficasse áquem deste Inferno da Vida...

* * *

Esta crónica é triste...

Acabavamos de escrever este epitafio e de fazer estes comentários á margem dum suicidio e das misérias da vida contemporanea, quando o nosso espírito se deteve, alanceado, sôbre um crime há dias cometido no Pôrto. Faltam-nos detalhes. Apenas dispomos das curtas linhas dum telegrama. Daqui a umas semanas os jornais da Metrópole nos esclarecerão o assunto — se por acaso não o apresentarem ainda sob contornos confusos ou mal definidos, com alguns aspectos ainda mordidos por densas sombras.

Eis o caso: Uma mulher, de nacionalidade brasileira, casada com um português, que, ao que parece, — a acreditar-se nas suas declarações — mata o marido por amor. Sofria o marido de doença grave, possivelmente incuravel. E ela, para o libertar de tamanho sofrimento e assim lhe abreviar o desenlace, ministrou-lhe (de cumplicidade com uma sua amiga, também brasileira, estudante da Faculdade de Medicina do Pôrto) quatro doses de arsénico.

Teria sido assim? Não sabemos...

O caso não é novo, porém, se bem que nos pareça não ter sucedido ainda em Portugal.

Lembramo-nos dum caso acontecido, há anos, em Paris, em que uma mulher matou o marido, a pedido deste, por ele não se sentir com coragem para suicidar-se e não poder, por mais tempo, suportar as torturas dum cancro.

O tema tem sido discutido até sob o ponto de vista médico; mas quási todas as opiniões convergem para a doutrina de que ninguem pode — mesmo a título de humanidade — abreviar a existência, seja a quem fôr, ainda que se trate de uma pessoa que sofra de doença incuravel, para a qual se tenham esgotado todos os recursos da ciencia. Pelo contrário: O que a moral social e profissional — com razão ou sem ela — aconselham e impõem, é precisamente o prolongar-se a existencia dos padecentes, o mais possivel, pelo emprego de todos os meios.

O tema não é novo — dissemos. E não. Até mesmo já tem sido tratado no teatro. Nos «Espectros» — uma das obras primas de Ibsen, o grande génio noruegucz — Osvaldo, supliciado pelos terrores da sua paralisia geral, pede á mãi para lhe ministrar morfina, logo que lhe sobrevenha uma outra crise, pois não pode conformar-se com a idea de vir a ficar «como um recemnascido, perdido sem esperança, aniquilado»!...

Recordemo-lo:

Osvaldo — Serás «tu», mãi, quem me fará esta obra de misericordia.

Mme. Alving (num grito) — Eu!?

Osvaldo — Quem melhor indicado, para isso, do que tu?

Mme. Alving — Eu, tua mãi?!

Osvaldo — Precisamente!

Mme. Alving — Eu, que te dei a vida?

Osvaldo — Acaso ta pedi? E que espécie de vida me deste tu? Não a quero mais: podes tomá-la de novo. Toma-a!

E quando, momentos depois, no final do 3.º acto, a crise se desencadeia com violencia e Osvaldo, os olhos parados, o rosto sem expressão, quási rigido no seu «fauteuil», diz e repete, numa voz estranha: «Mãi, dá-me o sol. O sol! O sol!» (como quem pede a libertação pela morte) nós vemos Mme. Alving, aflita, torturada, á mercê dos máximos desesperos, apoderar-se da caixa de morfina. Mas o grande dramaturgo faz cair o pano sôbre as hesitações martirisadas daquela pobre Mãi, entre o desejo de satisfazer a ultima vontade do filho e o terror e a repulsa de consumar o acto, que seria de libertação para ele, mas de supremo e brutal sacrificio para ela. E o pano desce emquanto ela recua, apavorada com a catastrofe, e Osvaldo, sempre imovel, rigido, repete, numa voz soturna:

— O sol! O sol!

... ...

Tudo isto nos evoca a tragédia do Porto. E preguntamos agora:

Teria Laura Polidencia, realmente, morto o marido por amor? A pedido dele? Sem o seu consentimento? Em que circunstancias?

Neste crime, porém, o que mais impressiona e espanta é a cumplicidade da amiga — de Isaura do Ceu, a estudante da Faculdade de Medicina.

Que Laura Polidencia, mulher de Anselmo Lourenço — a vítima — pudesse, num estado alucinatório produzido pela sua paixão, decidir-se (por sua iniciativa ou a solicitação do padecente) a cometer o crime, admite-se. O que não se compreende nem se explica é que Isaura do Ceu, estranha a esses sentimentos e a essas perturbações da sensibilidade moral, se prestasse a tornar possivel, com a sua colaboração, a consumação do facto!

O caso — temos que concordar — está por emquanto envolto num grande veu de mistério...

* * *

Esta crónica é triste...

Uma data: O 1.º de Maio.

Dia de lutas de classes, dia de idealismos revolucionários das massas trabalhadoras, dia da revolta dos servos, dia que traz no seu estandarte as reivindicações máximas do operariado de todo o mundo e faz rememorar greves, sacrificios, morticinios, batalhas sociais e nos traz ao pensamento mais de meio século de apostolados, misticismos e convulsões. Dia que nos recorda, entre tantissimos outros, os nomes de grandes mentalidades como Karl Marx, Lassalle, Engels, Luiz de Potter, Herzen, Ogareff, Bakounine, Pedro Kropotkine, Leão Tolstoi, Gorki, Lenine, Mac Glyn, Michel Dawit, Wallace, Henry Georges, Spencer, Elisée Reclus, Carlos Malato, Malatesta, Ramon de La Sagra, Ferrer, Luiza Michel, Emilio Zola, Jaurés, Anthero de Quental, etc.

Dia de lutas e de reivindicações!

Hitler deliberou comemorá-lo este ano, em toda a Alemanha, fazendo a «Festa do Trabalho». Mas, no momento em que pelo mundo inteiro vai uma onda de sofrimento e de miséria e milhões de trabalhadores desocupados marcam uma angustiosa mancha no mapa duma civilização, não nos parece, em boa verdade, que este dia possa ser um dia de festa...

... ...

Nós bem diziamos que esta cronica era triste... Nos três aspectos focados ressumbra apenas — a Tragedia Humana...

Porque Deus deu ao Algarve um tão lindo ceu, um mar de safira raro, rochas de arquitectura fantástica, listradas de coral e oiro; um inverno que apenas se sente por uns fugidios dias de chuva ou levante agreste, é que a Primavera inicia aqui a sua festa esplendorosa, enchendo os campos de noivados e esponsais, — a «feérie» das amendoeiras floridas. E as noivas, de irreal beleza, depois das nupcias que as tornou mãis, despojadas dos níveos veus, vestem-se de folhagens de esmeraldas; e o verde, em todas as tonalidades,

O monumento ao Infante D. Henrique

estende-se pelos campos e nas aniladas serras; e como medalhões de pedras preciosas, presos em peças de setim, — retalhos de margaritas e malmequeres amarelos florescem de onde a onde... — E o principe-sol alonga os seus braços, espalha luz, polvilha de oiro a terra; faz tremeluzir as águas em reverberos de lhama, em lumes do arco-iris...

Frutos, flores, cearas e pomares são frisos em alto relevo... E entre este cenário da natureza, altas e esguias, avistam-se as chaminés dos casais, — pequenas mesquitas, — donde o fumo, o muazim, — se eleva e canta a oração dos crepusculos e do amor dos lares... Ao fundo, o mar, azul e aço polido, debrua a orla desta paisagem bizarra... e soluça e chora pelas amendoeiras floridas, — o mais lindo poema de Portugal...

... ...

Devotos romeiros da Beleza, desde Janeiro a Maio fazei a vossa peregrinação ao Algarve. Começai por Faro, o coração desta provincia, ide ao Alto de Santo António, subi ao miradoiro dos deslumbramentos. Não há mais accesas nem faulhentas fogueiras, mais bastos horizontes de purpuras, tão roxas flores da paixão como as dos poentes que dali se vêem... E de manhã passai pelo jardim junto ao cais, olhai o vôo das gaivotas sobre as águas da ria, o azul deste ceu, a luz que deslumbra e as graciosas raparigas que passam, florindo de risos as suas bocas da côr dos cravos vermelhos, na ventura de serem moças e belas... E á tarde e á noite, nas ruas e nos jardins olhai as mais elegantes mulheres... Mas cautela... elas são filhas de moiras encantadas e sabem fazer encantamentos... E os seus olhos negros e profundos, têm abismos que atraem...

Daqui, segui a Barlavento e Sotavento; ide a todas as cidades, vilas e aldeias, tudo é digno da vossa romagem...

Não esqueçam Messines, a linda povoação de terra vermelha, de verdejantes pomares. Ali nasceu o grande lirico João de Deus. Diz ele da sua aldeia:

Se quando, o ceu buscando, o fumo ondeia
Quando esse vale o sol deixa indeciso,
Vês como fumo e flôr aspira, anceia.

Um pai, um Deus, um ceu, um paraízo
Ah! tendo eu tudo, tudo em minha aldeia,
Vê tu se lábio meu desfolha um riso!

São Braz, a vila pitoresca entre cerros e amendoeirais, coroada de moinhos de vento, que lá do alto lhe cantam a canção da melancolia... Ali naseeu Bernardo Passos — o Santo — o mais poeta de todos os liricos portugueses. Cantou assim o cemitério onde o seu corpo jaz:

Ao pé, o pequenino cemitério,
Caiado há pouco, — abençoada cal!
Inundado de luz e de Mistério,
Nada tem de sinistro, de funéreo...
— Tem as almas, ali, o seu pombal!...

Olhão, a vila cubista, das brancas açoteias, onde João Lucio, o Veroneso das rimas, que cantou o mar do seu país...

Oh! mar! só a tua azul e fresca amplidão,
Sobre a qual tanta vez os meus olhos agito,
Ao espirito dá, e dá ao coração
Uma alta sensação intensa de infinito...

Estoi — sobranceira ás ruinas da Ossonoba, a opulenta, onde os ciprestes evocam a Itália. Ali reside o poeta bizarro do ineditismo — Emiliano Costa. E da sua aldeia diz assim:

Como eu vejo, em castelo, a minha Aldeia!
Como eu a vejo assim, como a não via!
E á noite, no perfume das lavandulas,
Resa mais outra conta — a lua cheia, —
Passa no tempo — o fio das camandulas...

Alte, terra de Candido Guerreiro. A mais carinhosa e amoravel povoação que meus olhos sempre vêem... Passa a meio do povoado uma formosissima ribeira, com uma queda de água de trinta metros de altura. E lá em baixo, atonitas e desgrenhadas, duas figueiras olham as águas... E nas suas margens gemem os moinhos e palram as fontes. E num alto cerro, há a gruta dos Soidos, maravilhosa igreja de colunas de estalactites, de abismos insondaveis, onde rugem águas... ou condenados...

O poeta canta-a assim:

Porque nasci ao pé de quatro montes,
Por onde as águas passam a cantar
As canções dos moinhos e das fontes,
Ensinaram-me as águas a falar...

Eu sei a vossa lingua, água das fontes...
Podeis falar comigo, águas do mar...
E ouço, á tarde, os longinquos horizontes
Chorar uma saudade singular...

E, porque entendo bem aquelas mágoas
E compreendo os intimos segredos
Da voz do mar ou do rochedo mudo,

Sinto-me irmão da luz, do ar, das águas,
Sinto-me irmão dos ingremes penedos,
E sinto que sou Deus, pois Deus é tudo...

... ...

Sagres.. mais além o Cabo de S. Vicente — o Promontorio Sacro. — O Infante D. Henrique, Zarco, Perestrelo... todos os herois do sonho épico do Infante ali ressurgem.

... ...

Olhai o mar, onde o Principe, o Taciturno, tantas vezes afundou os olhos, procurando os tezouros da sua ambição...

Nestas paragens, onde tudo é sêco, não crescem arbustos nem arvoredos, nem se ouvem os cantos das aves na primavera, quando o amor as enleva na construção dos seus ninhos. D. Henrique, da mais alta escarpa, dali, do Promontorio Sacro, estendeu a vista por aquele mar aberto, na encruzilhada onde o oceano dobra o Cabo e vê naquelas águas rebrilhantes de calmaria, ou negras, revoltas de tempestade, os caminhos ignorados, rota a neblina das lonjuras...

As caravelas comandadas por aqueles mareantes, fanaticos do Infante, não podiam partir do Cabo de São Vicente por ali não existirem praias nem ancoradoiros. De Lagos, de Sagres partiriam?...

Mas o pensamento só podia ganhar azas, levantar vôo, no Promontorio Sacro — Cabo de S. Vicente. — As espumas dos vendavais subindo em vagalhões ás alturas, rugindo ali o mar com fragor profundo, e as escarpas hirtas sobre os abismos hiantes, lhe deram ousadia para os grandes feitos... Mais perto do ceu e de Deus, naqueles desertos, o mago teve a visão da epopeia maritima, que lhe torturava a alma de ansiedades e de delirios de fé ardente!...

... ...

Junto a tudo que o sentiu, daqueles horizontes que seus olhos ávidos ultrapassaram, onde, ao seu falar alto, só o marulhar das ondas respondia; sôbre as rochas nuas a que o seu corpo cansado se encostou, ali que adeja e paira a sombra do Infante; que passa e perpassa, roçando-nos com o burel do seu manto, num alto pedestal, deveria ser erguida a sua estátua.

Para que á noite, iluminada pela grande rosa de luz que se desfolha nas águas, o seu vulto possa ser visto pelos navegantes, e de dia, aureolado pelo sol, ou batido pelas tempestades, se mostre aos mareantes estrangeiros, que por ali navegam, e lhe fale das glorias da nossa Pátria.

Assim diz Candido Guerreiro:

Para que as ondas digam aos navios:
— Pertence este caminho aos Portugueses.
E foi aberto pelos Algarvios!

... ...

Ajoelhemos nas ruinas do convento dos monges do Promontório Sacro, que para aqueles desertos foram levar a sua caridade...

E junto do farol, que foi a igreja do Corvo, sepultura de S. Vicente, oremos também por aqueles que ali viveram tão longe do mundo, enlevados no fervor das suas preces por aqueles que andavam sobre as águas do mar.

E ao lado da mais alta escarpa, de mãos postas, evoquemos o Infante D. Henrique, — Principe e moço, — que renunciou ás alegrias do amor, para fazer um Portugal maior...

Margarida Guerreiro.

As férias da Páscoa

na

Praia da Polana

Residentes e turistas da União gosando as delicias duma doirada manhã

PREPARATIVOS:

Miss Anita Witte, residente nesta cidade, momentos antes do banho.

A menina Maria Eduarda Levy Martins assistindo a uma refeição dos pombos da Polana

Clichés Arnaldo Silva

Os artistas e a crise

A crise económica é tão monstruosa como a hidra de Lerna que o fabuloso Hercules estrangulou — não desencantemos a mitologia... — com elegancia, como quem enlaça uma gravata, mas sem gastar as duas horas que Brummel, o rei dos «dandys», consumia diante do espelho a ajeitar a sua. O mau é que Jupiter e a sua sedutora concubina Alcmena, a pérfida esposa de Amphytrião, estão embalsamados no Panteão do Olimpo. Não podem, por tal motivo, recair em espasmos de volupia nem fazer descer ao nosso vale de lágrimas um novo heroi atleta, produto dos seus amores, capaz de exterminar a serpente com mil cabeças que está a sugar a energia e a paciencia da humanidade. Não temos, pois, outra coisa a fazer senão esperar, com a fé reconfortante de quem acredita em milagres, que o monstro morra envenenado pelo próprio alimento, alimento macerado na bilis de milhões de infelizes, que a fome arremessa para o desespero. Mas, emquanto aguardamos o milagre salvador, emquanto os dogmáticos, empertigados e inuteis economistas nos descrevem as supostas virtudes das suas teóricas panaceas, todos nós, escravos civilizados de uma organização social que só dá pão em troca de trabalho e que, actualmente, nem trabalho sabe dar a quantos o solicitam, se não nos debatemos nas garras da miséria, vemo-la, pelo menos, de dia e de noite, como em pesadelo, dançar á nossa volta a sua sarabanda macabra, de enlouquecer.

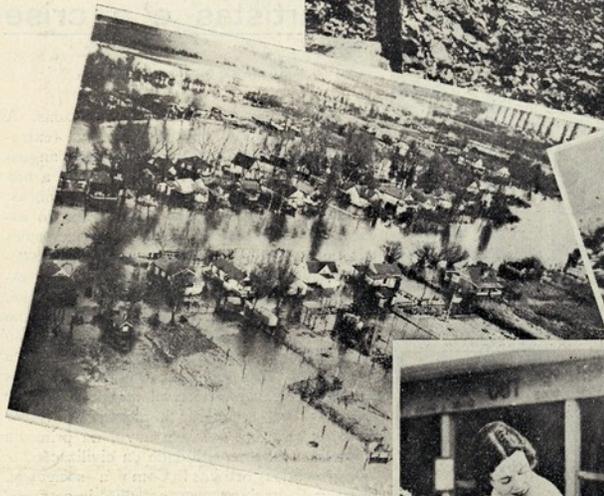
As primeiras vítimas da crise, os primeiros mártires oferecidos em holocausto á ganância capitalista, foram, é claro, os artifices humildes, os proletários das fábricas, o povo miudo que, jungido pela necessidade, move a nora rendosa da grande industria. Mas depois, quantos inocentes com outras profissões têm subido ao patibulo onde a sociedade verduga, dominada pelas castas parasitárias, sofrega de hierarquia, dá tratos de polé ás classes que considera bastardas e subalternas! Os escritores e os artistas, gente lunática que julga ter direito a viver pelo espirito neste século de crasso materialismo — o século da entronização do numerário e da mercadoria, do amor-taximetro e da sensibilidade mecanica —, estão, em grande numero, reduzidos á condição de mendicantes, porque a criação intelectual é tida, pelos varões endinheirados, como divertimento de preguiçosos e tem para eles muito menos prestimo do que a criação de capoeira... Os artistas e homens de letras lusos não sofrem grandemente, porque se habituaram, de longa data, a viver com pobreza no mesquinho ambiente nacional, porque se resignaram há muito, coitados, á monotonia e á banalidade do «jardim da Europa á beira-mar plantado», jardim repleto de papoulas de que se extrai o ópio maldito que nos entorpece. Mas os residentes nas labirinticas metropoles do mundo, em centros de civilização e cultura como Paris e Berlim, esses têm sido atormentados inquisitorialmente pela crise — na alma e no corpo. Aspirações de gloria, germes cerebrais de beleza, ansias ideologicas, clarões de originalidade, sonhos de perfeição, todos os factores essenciais da elevação humana, perdem o seu misterioso vitalismo ao contacto dêsses visionarios com a realidade aflitiva da vida actual. Em Paris, em Berlim, em Bruxelas, em muitas outras grandes cidades, há centenas e centenas de escritores e de artistas esfrangalhados, inutilizados, vencidos moral e fisicamente pela miséria. Sobretudo artistas. Porque o paladar estético da mor parte dos seus fregueses de aparato — aristocratas postiços ou corsarios ricos da finança e do comercio — deixou de ter apetites logo que os juros das hipotecas e os dividendos das acções começaram a descer...

O sr. André Dauchez, presidente da Sociedade Nacional das Belas Artes de Paris, confessou há dias, numa carta comovente endereçada ás «Nouvelles Litteraires», que o produto das vendas realizadas no ultimo Salão pelos expositores não chegou a 42:000 francos. Em 1931, isto é, já em plena difusão da crise economica, o total das vendas raiou pelos 350:000 francos. O retrocesso é, pois, extraordinário e explica de sobra o desespero e o pavor que os pobres artistas manifestam.

Alguns deles, os que não têm de todo desafinada a têmpera combativa, os que desfrutam ainda uns restos de audácia e, por conseguinte, de optimismo, decidiram-se a organizar uma feira curiosa, um Salão de Permutas, onde não se recebia dinheiro de ninguem. Pinturas, esculturas, gravuras, todos os objectos de arte expostos, eram cedidos prontamente, sem regateios nem alardes, em troca de coisas indispensáveis: fatos, calçado, livros, carne, fogões, roupa branca e até modelos e quartos de hotel com e sem pensão... O Salão fechou em 15 de Janeiro. O seu exito foi excelente, ultrapassou as melhores espectativas. Os peritos avaliaram em

(Continua na pagina 48)

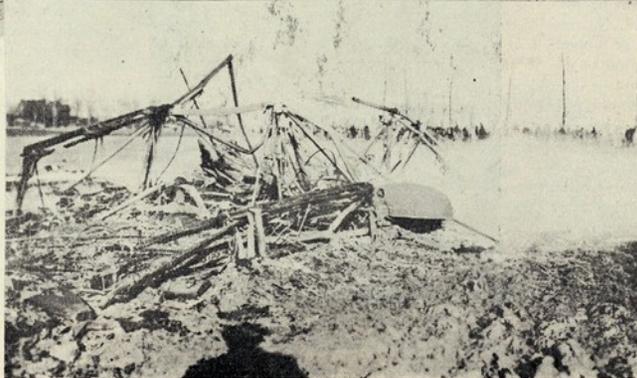
Catastrofes e... incidentes no ESTRANGEIRO

Efeitos dum tremor de terra no Japão, seguido de incendios, em consequencia do qual houve centenas de mortos e milhares de feridos

Grandes inundações nas margens do Tamisa.

Desmoronamentos causados por chuvas torrenciais na America do Norte.

Um aspecto duma horrivel explosão numa fabrica de produtos quimicos, na parte sul de Londres, que destruiu e produziu estragos nas casas de três ruas.

Outro aspecto da explosão da fabrica de produtos quimicos, de Londres

Ao centro: um... desastre num maillot de cauchú. A dama, em consequencia do "furo"... no maillot, sujeita-se a uma vulcanização, numa garage.

Destroços do avião "City of Liverpool", a seguir ao terrivel desastre de Essen em que morreram 15 pessoas.

Modernismos

Tarde primaveril. Num dos vários campos de «tennis» joga-se com animação entre tenistas de ambos os sexos. Regular assistência, algumas «misses» berrantemente pintalgadas de vermelho e vários rapazes discutindo cinema, desportos, etc. Um dos «courts» está apenas ocupado por duas pessoas: Maria Helena — figurinha «mignone» de rapariga moderna, silhueta gracil, alegre e insinuante. Desassete anos. Morena, de cabelos negros, olhar profundo — mixto indecifrável de malícia e ingenuidade. «Sex-appeal» encantador, a contrastar harmoniosamente com um conjunto físico bem delineado. Fernando de Sousa — Vinte e dois anos. Tenista emérito, alto, simpático, ligeiramente magro. Rosto trigueiro e anguloso. Atitudes másculas, definindo um carácter em íntegra formação.

Os dois tenistas, terminada a partida de «singles», retiram-se do «court» e vão sentar-se discretamente num banco fronteiro. Conversam.

MARIA HELENA (sorrindo) — Você esteve hoje numa tarde francamente desastrada. As suas jogadas, que de ordinário costumam ser certas e colocadas, encontraram esta tarde, quási todas, o caminho da rede; e até êsses infalíveis «drives», que eu tanto aprecio, não ultrapassaram a faixa do «net»... E você, considerado a melhor «raquette» cá do sítio, deixou-se bater assim, infantilmente, por uma fraca principiante como eu! Poderá explicar-me o motivo? (Maliciosa) Talvez uma contrariedade imprevista..., algum encontro feminino desagradável...

FERNANDO (um pouco perturbado) — O motivo? Mas... com franqueza, Maria Helena... não sei... Compreende que, tanto no tennis como em qualquer outra modalidade desportiva, tudo se resume a uma questão de sorte. São tardes...

MARIA HELENA (com ironia) — Pois sim! Aceito a sua explicação, mas permita que não me convença... De resto conheço suficientemente a psicologia masculina para aceitar, de antemão, uma explicação que se me afigura ambiguamente verdadeira... O motivo é bem outro, meu caro amigo. (Carinhosa) Vamos, Fernando. Abra-me o seu coração e desvende-me êsse mistério. Somos amigos, portanto fale-me com sinceridade e não procure deturpar os factos. Serei — se quizer — a solucionadora desse enigmatico problema e ditarei, com imparcialidade, o «veredictum» final.

FERNANDO (animando-se) — Pois bem, Maria Helena. Vou revelar-lhe a verdade. Na realidade, a perturbação que de mim se apoderou e a desabitual incerteza das minhas jogadas, têm uma ligação muito intima — imagine com quem? Simplesmente... com a Maria Helena!

MARIA HELENA (surpresa) — Comigo?!

FERNANDO — Consigo, sim. E vou explicar-lhe a razão. (resoluto) Lembra-se, ainda, quando nos encontramos pela primeira vez? Ah, creia, Maria Helena, êsse momento perdurará eternamente na minha imaginação. Foi aqui, neste mesmo sítio, numa tarde para sempre inolvidável. A sua alegria exuberante, comunicativa, cativou-me logo de início, prendendo-me num encantamento indefinível! E porventura poderia eu estar calmo, revestir-me de uma serenidade que estava bem longe de possuir — tendo como adversário uma rapariga tão linda e perturbante como a Maria Helena? Então, como hoje, também a minha mão tremeu... E — deve recordar-se — a mesma perturbação, o mesmo nervosismo que hoje me acometeu — também nêsse dia...

MARIA HELENA (recordando-se admirada) — É verdade! Lembro-me perfeitamente...

FERNANDO — Sabe o que isto significa? É o amor... Sim, um amor sincero, forte, espontaneo. E desde aquele momento, a sua imagem tornou-se para mim quási uma obsessão. Nunca lho disse. Fugia de lho dizer, mas creia-me, Maria Helena, porque sou sincero. Além disso, detesto a hipocrisia. Infelizmente, como sabe, nem todas as pessoas possuem êsse predicado... Quere um exemplo? Há dias, uma moreninha encantadora, referindo-se a um rapaz, dizia, muito convicta, quási escandalizada, para uma sua companheira: «Fulano! Ah! Esse não tem palavra. Não penses nele! É muito voluvel. Cada mês tem novos «namoros». Pois, minha amiga; julga que estas justas recriminações partiram de alguma rapariga ajuizada? Isso sim! Aquela moreninha que, acobertada com a capa da inocencia, parecia assim exteriorizar os seus verdadeiros sentimentos — já contava no seu activo amoroso nada menos do que quatro ou cinco «flirts» ininterruptos, com a agravante de, num deles, dois pretendentes chegarem a vias de facto para conquistar a sua simpatia...

MARIA HELENA (rindo-se) — A essa é que se pode chamar uma rapariga privilegiada!

FERNANDO (mudando de tom) — Bem, já satisfiz a sua vontade. Falei-lhe com toda a sinceridade (Um pouco enleado) — Agora, só me resta saber se sou correspondido...

Maria Helena hesita por momentos. Depois, numa brusca transição, principia a recordar-se:

— Olhe: vou-lhe ser franca, também. Quere que lho diga?... Mantenho um animado «flirt» com o Eduardo, simpatizo imenso com o Jorge, o Manuel está de todo por mim...

FERNANDO — ???!

MARIA HELENA (continuando) — ...E, para que nada lhe oculte, devo acrescentar que prometi ao António...

FERNANDO (atalhando, aflito) — Mas...

MARIA HELENA — Tenha paciencia, Fernando. Espere! Espere... que a sua vez também há-de chegar... Não falta muito... O tempo passa tão depressa... (risonha, erguendo-se) Vamos tomar chá? Estou com uma fome!...

J. T.

O rev. Antonio Alves Martins, vigario geral da Prelazia de Moçambique, que no domingo de Pascoa foi homenageado pelos católicos desta cidade, que lhe ofereceram um artistico cálice e a respectiva patena.

Os artistas e a crise

(*Continuação da pag. 42*)

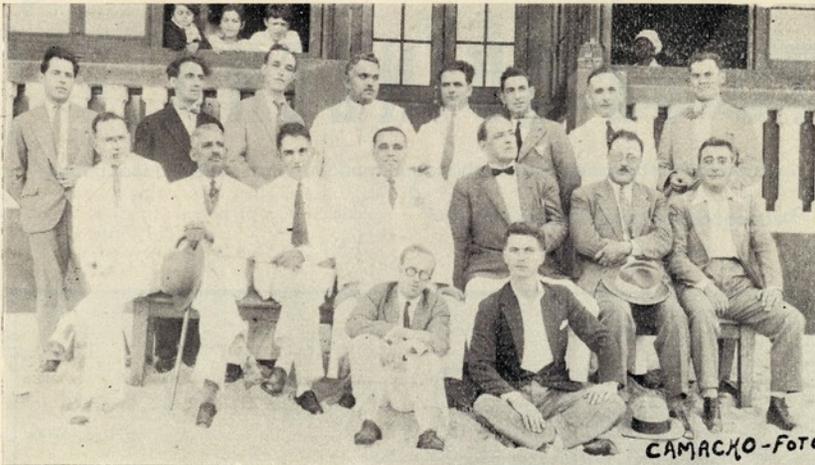
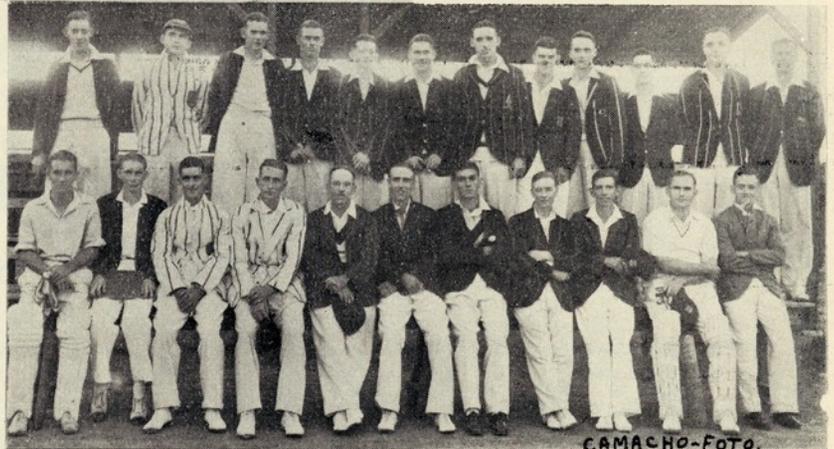
500:000 francos as operações efectuadas. A verdade, porém, é que a iniciativa, extravagante mas respeitavel, não resolveu o angustioso problema. Os artistas que tiveram a boa sorte de se desfazer dalgumas das suas obras, rejubilam, é claro, porque removeram do espirito, por um tempo, as suas preocupações mais dolorosas. ¿Mas todos os outros, os desafortunados, os três ou quatro mil párias esfarrapados, famélicos, envergonhados, que, privados dos «ateliers» saudosos, tiritam no inferno das mansardas de Paris, quando não rodam, febris, á porta das cantinas á espera da sopa que lhes dão por esmola? Quem os libertará do vexame horrivel da mendicidade? Quem os fará recuperar a alegria de viver? Quem os levará a crer, de novo, na primazia da inteligencia e na utilidade da civilização?

Desgraçados artistas! Como a sociedade, vingativa, ultraja o seu orgulho impetuoso! Porque — toda a gente o sabe — até os menos bafejados pela gloria foram sempre, em todas as épocas e em todos os países, ricos de tal sentimento. Quantas anedotas interessantes, caracteristicas, poderia eu citar a proposito! De duas, que são verdadeiros espécimes, me recordo neste momento. Numa, é protagonista o mestre desenhador Forain; noutra, o grande pintor De Groux. Forain, mordaz, espirituoso, intangivel no seu espirito de independencia, não era bemquisto pelos consagrados do seu tempo, acomodaticios e burgueses como os de hoje. Um dia, a pesar de prever o insucesso da empresa, resolveu enviar ao Salão algumas das suas telas. Recusaram-nas, é claro, porque Forain tinha para o virtuoso juri um dos piores labéus: fazia caricaturas nos jornais humoristicos. No mesmo dia, um hipocrita foi procurá-lo, na esperança de ter o gôzo de o ver sucumbido, e preguntou-lhe, como se estivesse aflito: «— E agora, meu querido amigo, onde vai expôr?» — «Nos quiosques» — respondeu-lhe Forain, pronta e soberbamente. Como De Groux, no caso que passo a contar. Inaugurara o pintor, em Bruxelas, no periodo boémio da sua vida, uma exposição das suas obras, consideradas então audaciosas. Leopoldo II, ao visitá-la, lembrou-se de que De Groux, pai, tinha sido pintor académico, pacato e de boa fama. E disse ao filho, á maneira de cumprimento: «— Seu pai foi um pintor de grande talento!» E De Groux filho, imediatamente, resguardando com uma vénia profunda a bela impertinencia: — «O pai de Vossa Majestade foi um grande rei!».

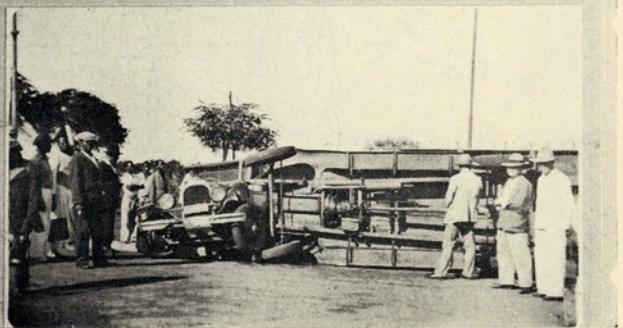
Desgraçados artistas, vitimas da crise! Como eles gostariam de ter alma para falar assim!

Vítor Falcão.

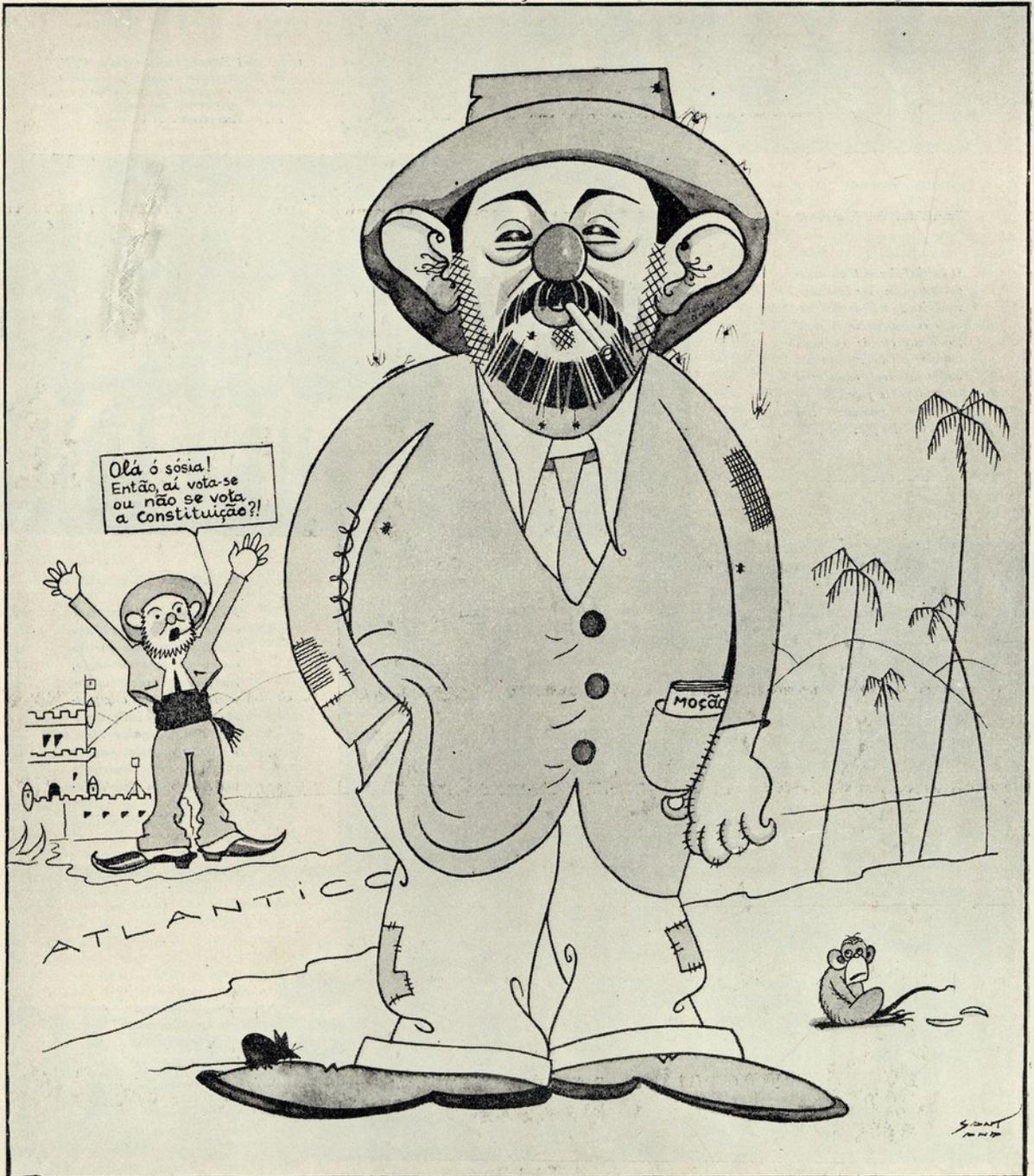
ACTUALIDADES LOCAIS

O sr. Abel Estima, funcionario do C. F. de Moçambique, rodeado por alguns dos seus colegas de Lourenço Marques que lhe ofereceram um almoço, no dia 15, no Restaurante da Catembe.

O Cricket já vem tendo amadores em Lourenço Marques. Nos dias 15 e 16 do mês passado realisaram-se no campo desta cidade os jogos anuais, que decorreram com muito interesse, tendo neles tomado parte jogadores locais e do Transvaal. — Um grupo dos jogadores.

No passado dia 15 de Abril realizou-se, na sede da União Indiana, um baile que decorreu com muita animação, tendo os que nele tomaram parte ficado com a impressão de que esse baile constituiu uma das mais brilhantes festas daquela Associação. A gravura representa um aspecto da assistencia.

Como ficou o automovel do Transvaal, com a inscrição O. B. 10674 que vinha para esta cidade conduzido pelo sr. Joseph H. Roberts, que ao K. 21 da Estrada do Umbeluzi derrapou, incendiando-se.

Cliché de Mr. Mac Kenzie

O camião L. M. 1390, do Chibuto, e o automovel L. M. 1434, da Manhiça, que no dia 17 á noite chocaram violentamente no cruzamento das Avenidas Paiva Manso e Afonso de Albuquerque.

Cliché de Mr. Mac Kenzie

O VULTO da QUINZENA

Antes do plebiscito

VITÓRIA

— Tu!!!... Por cá?!!!

Alvaro levantara-se, mas um momento depois tinha escondido o espanto que o vencera.

Era alto, sêco. Tinha um olhar brilhante e activo.

Emquanto Miguel tirava o sobretudo raciocinou: «Vens certamente sondar-me. Do que te disser dependerá a tua vida, a tua felicidade». E de si para consigo decidiu não afrontar a questão que arrastara ao seu quarto de solteiro o amigo de outros tempos e ultimamente tão escasso.

Miguel estendeu-se na «chaise» no intimo á vontade que o hábito adquirido noutros tempos lhe dera e dirigiu a conversa atirando assuntos ao espaço, misturados com os arabescos do fumo que lhe saia da bôca larga, aberta numa cara papuda de homem redondo e corado.

Palraram muito: escandalos, livros, política, desportos, mas da dispersão da conversa que se não fixava em nenhum motivo e seguia

entrecortada de silencios, podia adivinhar-se com facilidade que outra preocupação sustentava êsse diálogo aparentemente franco.

Alvaro, que passeava pelo quarto com as mãos submersas na abundancia do roupão, entressorria, e afinal ao senti-lo tão tímido, teve um movimento de generosidade quási piedosa e resolveu dar-lhe a oportunidade desejada. Interrogou disfarçadamente emquanto simulava verificar o estado das unhas:

— E a Suzana? Que fizeste da Suzana?

— Deixei-a.

— Sol de pouca dura. Ela é tão simpática. Depressa perdeste o entusiasmo!...

— Não é bem assim. Poderia ter durado mais tempo, mas...

— Mas?

Miguel fincou as unhas no limbo da «chaise» numa atrapalhação pudica.

Alvaro insistiu sorridente e benévolo:

— Homem! Desembucha!

— Pois bem, aí vai! Vou casar-me.

— Só isso... Já sabia.

— E também sabes com quem?

Ao fazer a pregunta, Miguel, levantara-se inteiriçado, os olhos brilharam-lhe de ansiedade e a sua figura roluda ficou estacada num interessado esforço de atenção.

— Também, respondeu Alvaro fleugmaticamente. Casas com a Maria Angelina.

— Pois tu sabias? E que pensas, diz!?

Alvaro deixou-se cair tranquilo numa poltrona meiga. Cruzou a perna e comandou:

— Senta-te!!!

Ficaram assim, um largo silencio.

No quarto espaçoso, iluminado pela luz difuza das lampadas fortes, alastrou mais intenso o odor rôxo dos cravos que mão jeitosa dispuzera numa jarra bojuda sobre a secretária.

Atravez da noite chegavam a espaços os acordes de um piano longínquo.

— Tu sabes que eu amei essa mulher. Sabes que quási desorganizei a minha vida por causa dela. Foi um pouco de mim mesmo, um momento decisivo da minha biografia...

— Foi, dizes tu! exclamou Miguel.

— Sim, «foi»! Podes estar tranquilo. Já não é.

— Mas, Alvaro! Eu estou tranquilo, absolutamente tranquilo. A Maria Angelina ama-me...

— Estou convencido disso, não me custa mesmo nada a crê-lo. Mas não queiras convencer-me que não vieste cá por causa disso. A tua consciencia, e a nossa amisade...

As palavras corriam-lhe indiferentes e serenas. Tinha o ar de um professor a repetir a história da guerra dos cem anos.

— Sim, eu devia-te uma justificação. Amaste-a tanto! Mas ela nunca teve nenhum compromisso contigo. Repudiou-te sempre e, segundo ela diz, nem mesmo sabe porquê.

— Eu sei talvez melhor do que ela por que foi. Eu amava-a excessivamente e no seu inconsciente de mulher ela compreendeu que não podia sustentar por muito tempo o entusiasmo da minha paixão. Era um pedaço de barro moldado em divindade. Se houvesse uns momentos de intimidade entre nós o ídolo caíria. Aqui tens a razão mais intima da teimosia da sua recusa...

— Emfim queres dizer que... ela não é digna...

— Não tomes as coisas nesse tom... É digna, Miguel, é digna. É uma mulher, como todas as mulheres, capaz de ser aquilo que as circunstancias a fizerem. Deves estranhar que eu fale assim, quando noutros tempos a descrevia de um modo tão diverso. Mas eu já estou curado. Venci-me. Apesar de tudo, venci. E tu sabes bem a loucura dessa paixão. Sabes bem que foi uma grande vitoria.

— Olha, Alvaro, parece-me que tudo isso é despeito.

— Não! Despeito, Não! Hoje penso que o lar, a mulher, os filhos, não compensam as preocupações que trazem, a prisão, as incertezas... Alem de que a família acobarda-nos diante de certas imposições da vida. Que queres? É impossível viver duas vidas... Eu vou viver a minha a meu modo. Sózinho com a minha ambição... Aquela incomensurável ambição que tu conheces...

— Mas já não pensas nela!... Nunca! Eu vinha para sabe-lo e para decidir definitivamente conforme o que tu dissesses...

Dizendo isto o rosto de Miguel tinha uma aureola rubra de alegria.

— Pois casa. Vai tranquilo e casa. Para mim ela é um ídolo morto. A lembrança da paixão que tive por essa mulher é para mim tão ridicula e incompreensivel como a adoração do boi Apis. Quando eu estava doente da vontade, esta vontade que tu admiras e que, felizmente, só falhou nesses amores... pensei muitas vezes no lar tranquilo e doce... um lar que não existe e poderia portanto ser para mim... mas será magnifico para a tua bonhomia. Eu até te fiz o favor de ta enfeitar com a minha imaginação para poderes amá-la. Dei-te o que te faltava... e de um certo modo sou feliz por isso. Venham de lá esses braços.

Abraçaram-se.

Miguel partiu mais feliz, mais confuso e mais vermelho.

Alvaro vagueou uns momentos pelo quarto. Interrogava-se silenciosamente. Duvidava de si mesmo. Enganar-se-ia? Embora julgasse a paixão por Maria Angelina dominada nunca se julgara capaz de falar acerca dela com tanta indiferença.

Mentiria a si mesmo?

Foi a uma gaveta da secretária e tirou uma fotografia dela conseguida outrora ilicitamente.

Em vez do idolo descobriu uma figurita anémica, sem côr, sem graça nem vida, de uma seriedade austera e só nos olhos uma longinqua promessa de ternura.

Era bem verdade. Vencera.

Pensou:

— E por isto quiz eu despedaçar uma carreira, entrevar-me para a vida toda... e cheguei até a escrever versos!

E muito sério como quem acorda acrescentou: Mas como foi difícil chegar a este estado!

Abandonou o retrato. Enchera-se de uma alegria doida de vitória. Sentia a loucura feliz da borboleta solta do casulo.

Em frente do espelho fitou-se de frente e afirmou:

— Afinal sempre sou um Homem!

Sentiu o olhar preso ás cores fortes: a lombada amarela de um livro, e os cravos vermelhos como um silvo de máquina.

Depois invadiu-o uma lassidão enorme, uma fraqueza tristissima. Olhou em redor e teve a noção do vácuo imenso da solidão em que vivia. Caiu desamparado na poltrona. Soluçou duas lágrimas insubmissas e ficou ali largo tempo de braços a escorrer ao longo do corpo e a cabeça caída entre os ombros.

Cordeiro de Brito.

(Titulo e ilustrações de Ferreirinha)

SINFONIA DAS PERNAS...

Tudo tem a sua época...

Já lá vai o tempo em que só os braços e o colo se desnudavam nas grandes festas, nas sumptuosas noites dos salões nobres, ricamente decorados, dos palácios da aristocracia, ao passo que as pernas se cobriam pudicamente com as saias de cauda. O pudor das damas terminava então pouco acima da cintura —e dizemos pouco acima porque havia decotes estupendos que desciam quási até á cintura, como hoje há também...

O sr. Johnny Weissmuller, campeão de natação e actor da Metro-Goldwyn-Mayer, nadando a seco... a pedido das «girls», num mar escultural de pernas...

Na verdade o pudor é tudo quanto há de mais falso e convencional, porque, nesses tempos, em que se convencionara achar natural e distinta essa exibição — mostruário perturbante de belezas — de braços e colos nus, as mesmas damas, fora do ritual dos grandes bailes, todo o seu corpo ocultavam, recatadamente, e até tomavam os banhos de mar metidas dentro de fatos inverosimeis, devendo ser um caso para horrivel escandalo e até, talvez, para manicomio..., se alguma delas se aventurasse a aparecer na praia em gracioso e exiguo «maillot» colado ao corpo...

Tudo faz o seu tempo — como dizem os franceses. Tudo tem a sua época...

Hoje, nesta época brilhante do nudismo, da ginastica, do exercicio físico, da cultura plastica — que nos aproxima, de novo, do período aureo da Grécia antiga e da sua maravilhosa Arte, da sua estatuaria inimitavel, a beleza equilibrada das linhas e dos movimentos sobrepõe-se a todos os preconceitos e o nu plastico e artistico triunfa em todos os campos, quebrando todas as cadeias.

Tudo tem a sua época...

As pernas, que outrora se escondiam, recatadamente, como se vergonhoso fosse desvendá-las ou deixá-las entrever, exibem-se hoje nas praias, á luz do dia, sob os raios bemfazejos do sol, como nos campos desportivos e á luz da ribalta e do «ecran».

Que frizos deslumbrantes de graciosidade e de movimento nos surgem, a cada passo, no cinema, com essas encantadoras «girls» já hoje indispensaveis como decoração artistica! Sinfonia das pernas! Sinfonia do ritmo e da graça! Polifonia do branco e da linha! Estonteante combinação do marmore e da vida — corpos que se tornaram em estatuas, estatuas que um sopro divino, numa hora sagrada de bemdita magia, animou e fez viver, miraculosamente, num grande sonho de Arte! Carne que essa mesma Arte espiritualizou e ergueu, por momentos, da materialidade mesquinha da terra, dos impulsos da sexualidade e do prazer, para as telas movimentadas dos grandes filmes da côr, da luz e do som, numa fantasmagoria feerica e impressionante!

Sinfonia das pernas, bemdita sejas!

Um exame rigoroso Medições e sorrisos. A gravura representa um pequeno grupo de um batalhão de quinhentas concorrentes a uma requisição de girls para um teatro de Londres.

O grande comico Jimmy Durante, da Metro-Goldwyn-Mayer, acompanhado ao piano por um formosissimo côro... de pernas...